

JESUS: A FESTA E A MORTE

Leitura de Jo 5, 1-18

Jaldemir Vitório S.J.

Encontramos, no evangelho de João, cenas da vida de Jesus onde o evangelista se mostra um mestre na arte de narrar. Jo 5,1-18 é um bom exemplo disto. Uma palavra vivificadora de Jesus põe em movimento uma ação cujo desfecho será a perpetração de sua morte. O pano de fundo da cena é a celebração de uma festa onde a presença de Jesus se torna problemática. A narração é simples. Todavia, uma leitura atenta e detalhada nos mostrará sua articulação interna e as tensões aí presentes.

Nossa leitura deter-se-á na narrativa como tal. Procuraremos explicitar o papel do narrador e também o desencadeamento da relação dos personagens implicados na trama da narração, baseada em sucessivos encontros. A partir daí, a estrutura da perícopes vai se evidenciando e seu foco de interesse torna-se patente.

1. Delimitação da perícopes

A perícopes é aberta por uma expressão temporal sem conteúdo formal — “depois destas coisas” (*meta tauta*) — de modo a estabelecer uma clara ruptura com a perícopes anterior. Esta se refere à cura do filho de um funcionário real, estando Jesus em Caná da Galiléia (Jo 4,46-54). Por outro lado, Jo 4,54 tem um claro caráter conclusivo.

O limite inferior é marcado pelo v. 18, onde a expressão “por causa disto” (*dia touto*) introduz a conclusão do relato. Trata-se de uma reação diante de quanto fora apresentado nos versículos anteriores. O v. 18 (conclusão) está em estreita relação com os vv. 1-5 (introdução).

A continuação (vv. 19-47) tem caráter totalmente diferente. Trata-se de um monólogo de Jesus, dirigido aos judeus. O narrador só intervém na introdução (v. 19a), pondo tudo mais na boca de Jesus. Como veremos, 5, 1-18 parece ser um pretexto para 5, 19-47.

Permanece problemático o caso do *kai dia touto*, no v. 16, com seu caráter conclusivo. Todavia, ligado ao v. 16, ele parece corresponder a uma reação imediata dos judeus diante da informação recebida. Podemos tomá-la como provisória dentro do diálogo homem curado/judeus. O v. 18 sim parece ser a conclusão efetiva da narração, como um

todo. Aliás, existe uma pequena diferença entre as duas expressões, que pode ser tomada como indício literário em função dos limites da perícope. O v. 16 traz *kai dia touto* (e por causa disto) e o v. 18 apenas *dia touto* (por causa disto). Isto poderia ser um indício do narrador para dizer que cada expressão abarca a perícope segundo diferentes dimensões. O *kai* estabeleceria uma continuidade próxima, enquanto sua ausência daria maior abrangência à expressão¹.

2. Indicações introdutórias do narrador (vv. 1-5)

Os vv. 1-5 nos oferecem elementos importantes para compreender o desenvolvimento do relato

A) Era festa...

O cabeçalho da perícope indica-lhe o ambiente geral no qual o fato se desenrolará. Era tempo de festa². E, em dias de festa, Jerusalém ficava repleta de peregrinos, vindos de toda parte, para as celebrações litúrgicas. Este clima de multidão aparecerá no relato, pelo menos duas vezes. No v. 3, fala-se em "multidão de doentes". Podemos pensar em doentes vindos à Cidade Santa na perspectiva de serem curados e assim poderem participar da festa. Aliás, mesmo não sendo curados, a própria participação no ambiente festivo já devia contar muito. O v. 13, por sua vez, serve-se da multidão para justificar o anonimato de Jesus.

O fato de ser festa reveste a perícope de alegria e participação popular, como sói acontecer ainda hoje nas nossas festas religiosas.

1 R. E. BROWN estabelece, diferentemente, os limites da perícope. Os vv. 16-18 seriam a introdução do discurso sobre o trabalho em dia de sábado (vv. 19-47), onde Jesus explica os dois sinais realizados anteriormente. Isto é, Jo 4,46-56 (1º sinal) e 5,1-15 (2º sinal). Todavia, ele mesmo reconhece que outros autores conectam os vv. 16-18 ao que precede (cf. *The Gospel According to John*, Garden City-New York 1966, pp. 201 e 212s). Para C.K. BARRETT, Jo 5,1-18 forma uma unidade (cf. *The Gospel According to St. John*, London 1967, pp. 208ss).

2 João emprega o vocábulo "festa" (*heortē*) pelo menos 17 vezes no seu evangelho, tratando-se quase sempre da festa da Páscoa (2,23; 6,4; 11,5) ou das Tendas (7,2). Apenas em 5,1 não se explicita de que festa se trata. Diz-se apenas "era festa dos judeus". Para M.-J. LAGRANGE, trata-se da festa da Páscoa (cf. *Évangile selon Saint Jean*, Paris 1948, p. 131). A. WIKENHAUSER julga também tratar-se da festa da Páscoa, a ponto de, no seu comentário, inverter a ordem dos capítulos 5 e 6 para dar uma seqüência lógica ao evangelho, segundo as festas (cf. *L'Évangile secondo Giovanni*, Brescia 1962, p. 194). "Parece que João introduz aqui uma festa simplesmente para motivar a presença de Jesus em Jerusalém" (C. K. BARRETT, *op. cit.*, p. 209).

B) dos judeus...

A forma genitiva "dos" (*tōn*) dá à expressão uma conotação ambígua³. Ela pode referir-se ao povo judeu como tal — "era festa do povo judeu". Jesus, neste caso, fazendo parte do povo, com todo direito vem participar dos festejos. A forma genitiva, porém, pode também indicar ser esta festa propriedade dos judeus, personagens da perícope, com quem Jesus entrará em atrito⁴. Jesus, neste caso, estaria entrando num ambiente hostil onde, apesar de ser membro do povo, será rejeitado. Ele sobe para uma festa alheia. Festa religiosa é para todo mundo. Mas, quando a festa tem "dono", a coisa é diferente. A pretensão dos judeus de comandar a ação já está expressa aqui.

C) Jesus subiu...

Jesus, como bom fiel, vem também participar da festa⁵. O texto, mais tarde (v. 17), dá-nos uma indicação preciosa sobre o caráter da presença de Jesus na festa. Ele vem à casa do "Pai". Ele vai sentir-se em casa e vai agir como um filho age na casa do próprio pai⁶. A ninguém será dado o direito do tolher-lhe esta liberdade. O relato vai também nos mostrar quem é, afinal, este Jesus presente na festa. Ele não é um simples fiel (dimensão superficial) mas o filho de Deus (dimensão profunda). Jesus está sozinho. Seus discípulos não o acompanham. Isto lhe permitirá manter o anonimato.

3 A expressão "a festa dos judeus" aparece em Jo 6,4 e 7,2. Segundo J.H. BERNARD, a festa dos judeus por excelência era a festa dos Tabernáculos (cf. *The Gospel According to St. John*, Edinburg 1969, p. 226). É característico do evangelho de João qualificar uma instituição ou uso como sendo dos judeus (cf. 2,13; 11,55; 19,42).

4 Ao longo do seu evangelho, João tende a classificar sob o nome de "judeus" todos os adversários de Jesus, transpondo para o tempo de Jesus o vocabulário do tempo do evangelista (cf. R. E. BROWN, *A comunidade do discípulo amado*, São Paulo 1984, pp. 42-44).

5 "Pode-se perguntar se até mesmo, o simples *anabaien eis Ierosolyma* (2,13; 5,1; 7,10.14), embora seja uma expressão que todo peregrino que ia ao tempo tinha ocasião de usar, não teria para este autor (isto é, João) o valor de sugerir a *anabasis* do Filho do Homem (3,13; 6,62; 20,17)" (C. H. DÓDD, *A interpretação do Quarto Evangelho*, São Paulo 1977, p. 509, nota 2).

6 Cf. 5,19; 8,28-29.

D) a Jerusalém...

Esta indicação localiza a períclope tanto geográfica quanto teologicamente. Jerusalém é um "topus theologicus" — é o lugar da habitação de Javé. Aí está seu templo, sua morada. A festa era uma profunda experiência religiosa onde os peregrinos estavam com Deus, na sua casa.

A cena a ser descrita se desenrolará, pois, na presença de Javé. Ele será o grande testemunho. Só ele, em última análise, poderá resolver a aporia que a ação de Jesus suscitará. A ele cabe dizer quem tem razão.

E) a piscina

O narrador, tendo-se referido à cidade como um todo, volta-se agora para uma parte dela, talvez um bairro. E descreve tudo com muitos particulares: o fato de haver ali uma piscina; localizada na (porta) probática (*epí tē probatikē*), ou seja, por onde entravam as ovelhas; cujo nome em hebraico era Bezata⁷. Para completar, dá-nos informações de caráter arquitetônico.

F) "uma multidão de doentes"

O narrador observa ainda estar a piscina abarrotada por uma multidão (*plēthos*) de doentes à espera de cura. Eram doentes dos mais diversos tipos — "cegos, coxos, paralíticos". Todos estavam deitados (*katekeito*) ao longo dos cinco pórticos da piscina à espera do movimento das águas.

Falar em tais tipos de doença, no contexto de festa judaica, é falar em excluídos. Os doentes ficavam à margem do melhor da festa por serem impedidos de se aproximar do templo. Sua presença, em Jerusa-

7 Escavações levadas a cabo no século passado localizaram a referida piscina de Bezata nas proximidades da Igreja de Santana, em Jerusalém. Aí foram encontrados restos de uma piscina circundada com quatro pórticos e um quinto que a dividia em duas partes iguais. Segundo M.-J. LAGRANGE, citando Flávio Josefo, Bezata "era o nome de um bairro novo, separado da cidade por um fosso". (cf. *op. cit.* p. 132s). A tradição textual do nome da piscina é altamente incerta. — Vejamos um caso de leitura aleatória do texto joanino a partir de um possível significado do nome da piscina. "...o termo 'Bezatha' significa 'o fosso'. Embora este nome designe um bairro, ao norte de Jerusalém, ele foi certamente escolhido em função do seu significado, pois o episódio é simbólico. Ora, o 'fosso' é o símbolo do subconsciente, funcionamento doentio do psiquismo sob o império da exaltação imaginativa. Este paralítico de Bezatha é, pois, claramente designado como o doente histórico, cujo subconsciente está pesadamente carregado". P. DIEZ — J. SOLOTAREFF, *Le symbolisme dans l'Évangile de Jean*, Paris 1983, p. 112).

lém, em tão grande número, além da esperança de serem curados pelas águas, talvez se explique também pela expectativa da irrupção do Messias esperado, na Cidade Santa, por ocasião dos festejos. Segundo a esperança do povo, o Messias haveria de curar toda sorte de enfermidade⁸. Havia, pois, no coração de cada um daqueles doentes, o grande desejo e a ilusão de ser curado, de modo a poder participar da festa⁹.

G) "um certo homem"

O narrador particulariza ainda mais a cena focalizando, no meio da multidão, "um certo homem" (*tis anthrōpos*), perdido entre tantos desejosos de serem curados. Ele não parece destacar-se entre os demais. Dele se diz apenas estar doente há 38 anos. Ao leitor, a tarefa de imaginar as dimensões do sofrimento daquele homem a partir deste dado cronológico.

Não somos notificados sobre o tipo exato de doença sofrida pelo homem. Mais tarde (v. 7), seremos informados sobre sua situação de abandono, incapaz de encontrar alguém para jogá-lo nas águas da piscina no momento oportuno.

Temos assim, de maneira bastante completa, o pano de fundo no qual as cenas iniciais se desenrolarão. Todos os personagens são introduzidos, embora sem muitas caracterizações. Elas se evidenciarão ao longo da perícope.

3. Os encontros dos personagens

A perícope se desenvolve em torno de sucessivas cenas, onde os personagens vão estabelecendo relações entre si. O conjunto, porém, parece ter um ponto de convergência, preparado pelos vários passos de perícope.

8 Na sua ação histórica, Jesus realizou ações taumátúrgicas de restituição de vida plena às pessoas. Tais milagres seriam indicadores da presença do Messias, segundo se acreditava a partir de textos proféticos (cf. Lc 7, 21-23).

9 O v. 3b-4 é omitido nas melhores traduções, por tratar-se de uma glosa "cujo caráter secundário é claro a partir de sua ausência nos melhores e mais antigos testemunhos", entre outros motivos (B. M. METZGER, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, London-New York 1975, p. 209). O versículo omitido diz: "... ficavam esperando o movimento da água. Porque o Anjo do Senhor descia, de vez em quando, à piscina e agitava a água; o primeiro então, que aí entrasse, depois que a água fora agitada, ficava curado, qual quer que fosse a doença". — A Bíblia de Jerusalém, porém, não omite este versículo.

A) vv. 6-9 — *Jesus e o homem doente*

É o encontro inicial, onde aparecem todos os elementos desencadeadores das cenas seguintes.

Jesus vê (*idōn*) o homem referido pelo v. 5, distinguindo-o no meio da multidão de doentes. Não sabemos porque Jesus escolheu exatamente este homem para ser objeto de sua ação misericordiosa. De fato, sua situação já lhe era, de antemão, conhecida¹⁰. Jesus sabia (*gnous*) estar o homem naquela situação "há muito tempo". O narrador, contudo, não explica qual era a fonte do conhecimento de Jesus. Ele apenas constata o fato sem mais.

A relação Jesus-doente se estabelece por meio de uma pergunta, à primeira vista, de caráter puramente retórico — "queres tornar-te são?"¹¹. O leitor pode perguntar-se: se Jesus "conhecia" a situação daquele homem, por certo deveria conhecer também seu enorme desejo de ser curado. A pergunta, porém, parece ter como objetivo entabular uma relação. Não importa sua obviedade. Através dela Jesus encontra uma maneira de abordar o homem doente. Se o homem conhecesse o poder taumáturgico de Jesus, seguramente, teria tomado a iniciativa da abordagem, como acontece alhures nos evangelhos.

O homem, porém, não conhece Jesus e nem de longe suspeita estar diante de quem pode curá-lo. Para ele, talvez se tratasse de algum curioso dentre os muitos visitantes da piscina.

A resposta do homem (v. 7), objetivamente, deveria ser sim ou não¹². Todavia, não acontece assim. Ele explica longamente sua situação de homem preterido da cura. Não tem quem o ajude, quem venha em seu socorro de modo a poder beneficiar-se do poder terapêutico das águas. O homem havia perdido a esperança de receber auxílio no seu esforço de obter a cura. Como ninguém se interessasse por ele, não lhe restava senão procurar a cura com as próprias forças. Ao afirmar — "na-

10 No evangelho de João, Jesus de antemão conhece as pessoas (cf. 1,49; 2,24-25; 5,42; 10,14.15.27; 21,17) e as coisas (4,1; 6,6.15; 16,19, etc.). Esta é uma característica do Evangelho.

11 H. van den BUSSCHE interpreta assim a pergunta de Jesus: "A pergunta é uma provocação. Jesus não a faz para encorajar o homem, nem para ajudá-lo a superar seu desespero compreensível: ele quer ouvir da boca do próprio paralítico a clara afirmação de seu estado desesperador" (*Jean*, Bruges 1967, p. 221). Para A. WIKENHAUSER, a pergunta de Jesus "visa apenas entabular um diálogo com o paralítico, com a finalidade de chegar a pronunciar sobre ele a palavra curadora" (*op. cit.*, p. 196).

12 O homem doente dirige-se a Jesus chamando-o de *Kyrie* ("Senhor"), sem que isto seja uma expressão de fé (cf. C. K. BARRETT, *op. cit.*, p. 212).

quilo que *eu* vou outro já desceu antes de mim" (v. 7c) — manifesta o aspecto trágico de sua situação.

Diante da situação, esperaríamos outros tipos de resposta à pergunta de Jesus: "É evidente que quero, mas como?..."; ou então: "É óbvio, mas você não está vendo a minha situação?" A resposta do homem, contudo, insiste na *cura pela água*. Esta era para ele, sem dúvida, uma espécie de obsessão.

A modalidade da ação de Jesus e do homem doente, nos vv. 6-7, pode ser esquematizada do seguinte modo:

Jesus — *sabe* quem é o doente
pode curá-lo
quer curá-lo

O doente — *não sabe* quem é Jesus
não pode curar-se
quer ser curado

O homem doente esperava a ajuda de alguém que o jogasse na água a fim de ser curado, segundo o expediente comum naquela piscina. Todavia, ele recebe uma ordem inesperada: "Levanta-te, pega a tua cama e caminha ao redor" (v. 8). Jesus não diz. "Fica livre de tua doença!" ou então: "Que tua enfermidade seja curada!". Entretanto, dá uma ordem, cuja execução está na dependência da cura. O narrador então observa ter o homem ficado curado (9a) antes da execução da ordem. Esta não dependeu, pois da *fé* do homem doente¹³. Aliás, Jesus não exige do homem uma profissão de fé e a cura não se processa num contexto de fé. O vocábulo *pistis* (fé) não aparece uma só vez na perícope. O fato não gera a fé no homem, nem suscita a fé de ninguém. Uma vez constatada a cura, nada mais restava ao homem fazer senão levantar-se e ir-se embora.

Quem esperava a *cura pela água* experimentou a *cura pela palavra* eficaz de Jesus. A vida brotou, de modo inesperado, de uma nova fonte. Contudo, apesar de o ser verdadeiro de Jesus ter transparecido no fato da cura, o homem miraculado parece não se ter dado conta disto. O leitor sabe quem é Jesus. O homem curado não.

Temos, no v. 9c, uma observação importante para a seqüência da perícope — "era sábado naquele dia". Trata-se de uma localização temporal, acrescentada à localização temporal do v. 1 ("era festa") e à localização geográfica do v. 2 ("em Jerusalém"). Como estas últimas, tam-

13 "No relato da cura, deveríamos notar que não se exige um requisito prévio da fé. Este milagre tem outra finalidade, a saber, clarificar a obra de Jesus" (R. E. BROWN, *Evangelho de João e Epístolas*, São Paulo 1975, p. 55).

bém aquela tem uma conotação teológica determinante. Segundo a tradição em voga, só Javé se permitia trabalhar em dia de sábado. Uma legislação rigorosa delimitava, com severidade, as ações permitidas no dia do repouso religioso, sob pena de morte¹⁴.

B) vv. 10-13 — *Os judeus e o homem curado (tetherapeumenos)*

Jesus sai de cena e os judeus são introduzidos. Os atores do novo quadro desconhecem quem é Jesus. Ninguém sabe quem é (*Tis estin*) Jesus, nem o homem curado, nem os judeus. Jesus far-se-á conhecido quando bem o quiser.

Não sabemos onde a cena se passou. Teria sido nas imediações da piscina de Bezata? Simplesmente nos vemos diante dos judeus censurando quem desrespeita a lei do repouso sabático de maneira tão acintosa. Teria sido impossível passar despercebido, mesmo no meio de uma multidão, alguém com seu leito às costas. Quanto mais em dia de sábado, quando os judeus legalistas deveriam andar de antenas ligadas para detectar a menor infração da lei sabática.

Os judeus são peremptórios — “não te é permitido carregar tua cama” (v. 10) — na aplicação da lei¹⁵. O homem se vê, pois, diante de duas ordens contraditórias: um desconhecido dissera-lhe para carregar sua cama, agora os judeus o proibem de fazê-lo.

O homem curado passa por cima da censura dos judeus, lembrando a ordem recebida de “quem o fizera sadio” (*ho poiēsas me hygiē* — v. 11). Os judeus não se interessam pelos detalhes da réplica, não atentando para o fato da cura e suas circunstâncias.

A narração toma então um novo rumo. Os judeus se desinteressam pelo fato da violação do sábado por parte do homem com a cama às costas e passam a se interessar pela identidade de quem mandara fazer, em dia de sábado, o que era proibido — “quem é o homem que te disse...” (v. 12 — *tis estin ho anthros ho eipōn soi...*)

O narrador se apressa a responder no lugar do homem curado, refere-se à sua ignorância a respeito de Jesus — “o curado não sabia quem é (*tis estin*)” (v. 13). Evidencia-se assim a absoluta gratuidade de Jesus ao curar aquele homem, totalmente ignorante quanto à sua identidade e seu poder taumatúrgico. O homem parece não ter jamais ouvido falar de Jesus, por isso não o reconheceu. E mais, nada esperava de

14 Cf. *Sifra sobre o Levítico XII*, 3, 58c. O Tratado sobre o *Sabbat* traz a lista dos 39 trabalhos-tipos proibidos de serem executados em dia de sábado (cf. 7,2).

15 Cf. Jr 17,21 e também o Tratado sobre o *Sabbat* 1,1; 7,2; 10,5.

Jesus e nada lhe pedira. Nenhum elemento no relato deixa transparecer ser aquele homem, no meio da multidão de doentes, o mais digno e necessitado de misericórdia. Ele era simplesmente um entre tantos.

O v. 13 explica porque o curado não teve tempo de conhecer a identidade do seu benfeitor. "De fato, Jesus desapareceu (*exenusen*), havendo muito povo no lugar¹⁶." O contato de Jesus com o doente, na piscina, fora fugaz. O tempo suficiente para a pergunta (v. 6), a resposta (v. 7) e a ordem (v. 8). Jesus não dera tempo ao miraculado para agradecê-lo ou, eventualmente, manifestar sua fé ou ir a seu enalço. Jesus também não dá tempo para a multidão de doentes tomar consciência do acontecido e vir ao seu encontro e pedir para curá-los. Ele evita o assédio, perdendo-se no meio da multidão. O leitor, todavia, pode se perguntar como tal milagre pôde ter sido realizado sem causar a maior celeuma entre a "multidão de doentes". Jesus parece querer apenas criar uma situação de fato, para ter chance de confrontar-se com os judeus e poder falar de si mesmo e do Pai (5, 19-47). O doente, este ou qualquer outro, seria apenas um personagem secundário, cujo destino é desaparecer quando se estabelecer o confronto entre os personagens principais.

A frase, como de discórdia da perícope, aparece, pela terceira e última vez no v. 12: "Levanta-te, pega a tua cama e caminha ao redor". Ela apareceu na boca de Jesus (v. 8), na pena do narrador (v. 9), na boca dos judeus (v. 10.12) e na do miraculoso (v. 11). A frase foi passando de boca em boca numa espécie de eco, e se constitui no problema principal levantado pela perícope — a *questão do fazer*. Jesus dera a ordem de fazer algo, num dia em que era proibido fazer. O homem curado faz segundo a ordem de Jesus. Os judeus lembram ao homem ser proibido fazer em dia de sábado. O homem curado afirma fazer segundo a ordem recebida de quem o fizera são. Os judeus querem saber a identidade de quem o mandara fazer. A questão pode ser também lida num outro ângulo. Apesar de o texto não afirmar explicitamente ser o homem, antes da cura, incapaz de carregar seu próprio leito — somos informados de estar o homem deitado nos pórticos mas não como foi parar ali — podemos supor no homem uma incapacidade de carregar a própria cama (não poder fazer), incapacidade física. Jesus restitui-lhe a capacidade de carregar sua cama (poder fazer). Os judeus, por ser sábado, impõem-lhe a ordem de não carregar sua cama (não poder fazer), reduzindo-o à sua primitiva condição pelo apego exagerado à lei. A lei divina, neste caso, exigiria do homem curado continuar na sua antiga condição de não poder fazer. O miraculado parece ter continuado a

16 O verbo *ekneuō* é *hapax* no Novo Testamento.

fazer a ação proibida (poder fazer) usufruindo de sua nova condição. Tudo isto se dá pela liberdade de ação de Jesus — seu poder fazer.

C) v. 14 — *Jesus e o homem curado*

O segundo encontro de Jesus com o outrora doente está narrado num só versículo. Ele se dá não por iniciativa do beneficiado, mas pela do benfeitor. É Jesus quem o acha (*heuriskei*) e o reconhece, porque o conhecia (v. 6). Da parte do homem curado, persiste o desconhecimento a respeito da identidade de Jesus e mesmo um desinteresse por conhecê-la. Aliás, é o narrador quem não dá tempo ao homem de se expressar. O segundo encontro do homem curado com Jesus é também fugaz.

O encontro se dá no templo (*en tō hierō*), local de maior atrativo da festa. O outrora doente, agora livre da sua moléstia, fora também participar dos festejos, ali onde estivera impedido de entrar por quase quatro décadas (v. 5). O homem já não era mais um marginal; tinha reconquistado seus direitos de fiel. Ele agora podia festejar¹⁷. O primeiro encontro se dera em meio à tristeza. O segundo em meio à alegria. Neste novo cenário, ele vai conhecer a identidade de seu benfeitor.

A revelação da identidade de Jesus dá-se de maneira indireta. Jesus não diz: “Fui eu quem te curei”. Ele apenas faz uma constatação e dá ao homem uma nova ordem. A ordem de Jesus vai agora na linha do não dever fazer, isto é, não pecar. À primeira vista, parece haver correlação entre pecado e doença — “não peques mais, para que não te aconteça algo pior”¹⁸. Na realidade, a relação se dá entre doença-exclusão-pecado. O texto não explicita o conteúdo deste “pior” (*cheiron*). Que coisa poderia ser pior para quem sofrera longas décadas de terrível doença com suas conseqüências físicas e sócio-religiosas?

Esquematizando, teríamos o seguinte:

17 J. BODSON sugere que “o paralítico fora ao templo oferecer o sacrifício que comportava sua cura. É preciso que o fim da enfermidade seja constatado pelas autoridades religiosas porque certas doenças não apenas colocavam o homem numa situação penosa, mas também o excluíam dos atos culturais” (*Lecture suivie de l'Évangile selon Saint Jean*, ad modum manuscripti, s. l. 1972, p. 118). Porém, nada do texto parece justificar tal ponto de vista (cf. J. H. BERNARD, *op. cit.*, p. 234; e também Mt 8, 4; Lc 17, 14).

18 Em Jo 9,2s reaparece o tema da relação causal pecado-doença (cf. também Lc 13,2). Jesus, porém, parece negar tal relação.

1ª situação — o homem deixado a si mesmo (vv. 5-7)

DOENÇA IMPUREZA-EXCLUSÃO SITUAÇÃO RUIM

2ª situação — encontro com Jesus — revelação de seu poder taumatúrgico (vv. 6-8)

CURA PUREZA-PARTICIPAÇÃO SITUAÇÃO MELHOR

3ª situação — desaconselhada por Jesus (v. 14)

CURA PECADO-EXCLUSÃO SITUAÇÃO PIOR

D) vv. 15-16 — *O homem curado e os judeus*

Temos, nestes versículos, um *anúncio* do homem curado aos judeus (v. 15), e a *reação* dos judeus em relação a Jesus (v. 16). Trata-se do segundo encontro do homem curado com os judeus, narrado de forma indireta. Não sabemos qual teria sido a forma do diálogo, só o resumo do seu conteúdo.

O homem curado conhecia seus censores judeus, ou então reteve na mente suas fisionomias, pois, apenas conhecida a identidade de Jesus, vai retomar a relação do v. 11, referindo-lhes "quem o fez sadio" (v. 11. 15). O interesse pelo fazer do homem curado (v. 8.9.10.11.12) dá lugar ao fazer de Jesus (*ho poiesas*). O homem curado age com extrema ingenuidade, sem chegar a perceber estar delatando seu benfeitor, entregando-o a seus inimigos¹⁹. Ele não se dá conta de estar se movendo entre dois polos contrários. Por outro lado, o fato de Jesus tê-lo curado parece ser, para ele, um fato banal. Isto não o levou a questionar sobre a identidade de Jesus. No seu coração, não havia nenhuma esperança messiânica? Sua única obsessão era alcançar a cura? Os dois encontros não parecem ter despertado, no coração do homem curado, nenhum interesse especial por Jesus.

A primeira referência à reação dos judeus em relação a Jesus fala de perseguição (*diokō* — perseguir). O imperfeito do indicativo, com sentido incoativo, sublinha o fato de uma ação repetida. "Os judeus puseram-se a perseguir a Jesus". A relação de causa-efeito é estabelecida por meio da expressão "e por causa disto". A cura operada em dia de sábado desencadeou uma onda persecutória contra Jesus, que culminará com sua morte²⁰.

19 C. K. BARRETT considera-o "um mero fantoche" (*op. cit.*, p. 213). H. van den BUSSCHE fala de "ingenuidade", sem "má intenção" (*op. cit.*, p. 223). R. E. BROWN fala de "obtusidade" e "estupidez" (*The Gospel According to John*, p. 209).

20 O tema da rejeição de Jesus por parte dos "seus", já aparece no prólogo do evangelho (1, 11). Um primeiro clima de animosidade entre Jesus e os judeus surge por ocasião da purificação do templo (2, 13-25). A ida de Jesus da Ju-

No contexto da perícopes, a postura dos judeus parece ser contraditória, pelo fato deles perseguirem Jesus em dia de sábado. Cronologicamente a perícopes está marcada pelo v. 9c. O leitor se pergunta: afinal, é permitido perseguir alguém em dia de sábado? Em outras palavras: é permitido fazer o mal? Jesus era perseguido, "porque *fazia* estas coisas (*tauta*) no sábado" (v. 16). Ele, porém, fazia o bem²¹. E os judeus?

dizem *não poder fazer* o que *pode ser feito* (o bem) (*poieō hygiē*)
fazem o que *não deve ser feito* (o mal) (*diokō*)

Não transparece no texto hostilidade dos judeus para com o homem curado. Este, por sua vez, não parece ter dado importância à censura dos judeus (v. 11), embora se tenha apressado em responder-lhes a pergunta sobre a identidade de quem lhe dera a ordem de carregar sua cama (v. 12). Os judeus, obcecados pelo apego exagerado à lei do repouso sabático, não chegam a perceber a transcendência do bem feito àquele homem.

E) v. 17 — *Jesus e os judeus*

A perícopes, como um todo, parece encaminhar-se para o encontro de Jesus com os judeus. Jesus os enfrenta. O homem ingênuo e sem malícia foi apenas um pretexto para o encontro.

O v. 17 supõe uma pergunta ou uma observação dos judeus dirigida a Jesus. O versículo é introduzido com a afirmação — "Jesus, porém, respondeu-lhes²² — quando, de fato, no texto não encontramos nenhuma pergunta para motivá-la. Por outro lado, a resposta direta de Jesus supõe os judeus diante de si.

déia para a Galiléia (4, 1) parece ser uma retirada estratégica contra a fúria dos fariseus. É no cap. 5 que a perseguição se torna aberta (cf 7, 1.19.20.25; 8, 22.37.40; 11, 53; 15, 20). Em Jo 11, 53, lemos: "Então, a partir deste dia, resolveram matá-lo". O verbo *ebouleusanto* (deliberaram, planejaram), aí empregado, sugere que os judeus então tomaram a decisão formal de matar Jesus.

- 21 Na literatura rabínica, encontramos numerosos textos referentes à assistência aos doentes, em dia de sábado (cf. *Eduyyot* 5; *Berakot* 2d; etc.).
- 22 Ao invés do usual aoristo passivo *apekrithe* (usado 195 vezes nos Sinóticos), João emprega *apekrinato* (usado apenas 4 vezes nos Sinóticos). Trata-se de um aoristo médio, usado no grego clássico, que reveste a afirmação de Jesus de maior solenidade e peso (cf. M. ZERWICK, *Biblical Greek*, Roma 1963, nº 229).

"Meu Pai até agora trabalha e eu trabalho". A questão do *fazer* é expressa aqui com o verbo *trabalhar* (*ergazomai*). Jesus identifica o seu fazer com o fazer do Pai. Ele faz porque o Pai faz e como o Pai faz. Só aqui fica revelada a verdadeira identidade de Jesus. Até então ele era um anônimo, perdido na multidão dos fiéis. Sabemos agora, e os judeus também o sabem, ser ele o *Filho de Deus*. Explica-se assim porque Jesus agia, mesmo em dia de sábado, com tanta liberdade. A fonte de seu ser era Deus. Por isso, sentiu-se livre para restituir a saúde ao homem deitado nos pórticos da piscina de Bezata, embora não sendo em dia permitido. Jesus não via nisto nenhum problema. Os questionamentos provêm dos judeus, desconhecedores do verdadeiro ser de Jesus. Ser e parecer estão aqui em perfeita confluência. Os judeus, porém, de forma alguma aceitam a qualidade de Filho de Deus pretendida por Jesus. Para eles, Jesus vivia na mentira parecendo ser aquilo que não era²³.

4. Indicações conclusivas do narrador

O v. 18 conclui a perícopé com palavras do narrador. Trata-se de nova reação dos judeus diante do feito (v. 8) e do dito (v. 17) de Jesus. A relação com tudo quanto se passara anteriormente está expressa na loucução introdutória "por causa disto" (*dia touto*). Os judeus não tem tempo para refletir. Reagem imediatamente.

Estamos diante de uma dupla conclusão. O *kai dia touto* ("e por causa disto"), do v. 16, introduzira a reação dos judeus em relação ao desrespeito à lei do repouso sabático; questão expressa nos vv. 10-13. O *dia touto* ("por causa disto"), do v. 18, introduz a reação dos judeus diante da obra de Jesus que dá a vida plena a um homem, doente há longos anos, realizando assim a obra salvífica do Pai. Esta questão aparece especialmente nos vv. 6-9. Assim nós teríamos o seguinte esquema:

- A — Jesus restitui a vida ao homem doente (vv. 6-9)
- B — questão levantada em torno da violação do sábado (vv. 10-13)
- B' — reação conclusiva dos judeus diante da violação do sábado (v. 16)
- A' — reação conclusiva dos judeus diante da obra salvífica de Jesus (v. 18)

A afirmação "procuravam ainda mais" (*mallon ezetoun*), com o verbo no imperfeito do indicativo, está relacionada com o v. 16, onde se desencadeou a violência dos judeus contra Jesus. A afirmação do v. 17

23 Conforme o "quadrado da veredicação" temos:

parecer + ser = verdadeiro

parecer + não ser = mentiroso.

(Cf. VV.AA., *Iniciação à análise estrutural*, São Paulo 1983, p. 71).

intensificou-a "ainda mais". O versículo supõe relações tensas entre Jesus e os judeus. Tendo em vista os capítulos anteriores, podemos presumir que, ao dirigirem a pergunta ao homem curado (v. 12), os judeus já desconfiassem tratar-se de Jesus. Contudo, como a vinda de Jesus à cidade se dera de maneira reservada, os judeus poderiam não estar certos de sua presença na festa.

A reação imediata dos judeus vai na linha de eliminar Jesus. Eles procuram "matá-lo" (*auton apokteinai*), pois a pretensão de Jesus era-lhes insuportável²⁴. Tal decisão, porém, tem um quê de patético. Jesus subira para a festa e, curando-o, permitiu que um certo homem também participasse dela. Por que agora ele vai ser eliminado da festa? Por que, tendo tirado um homem de sua marginalização sócio-religiosa, vai ele mesmo sofrer a marginalização dos perseguidos e postos à morte?

Aqui se estabelece, mais uma vez, a contradição entre o fazer de Jesus e o fazer de seus opositores:

Jesus *faz* a vida (v. 6.9.11.14.15);

Os judeus *fazem* a morte (v. 18).

A nota final do narrador dá à períclope uma espécie de giro. No início, falava-se de doenças (v. 3), evocadoras de morte na sociedade da época. Com o seu fazer, Jesus introduz a realidade da vida, simbolizada pela cura do homem, livrado do seu longo calvário de doença (vv. 8b, 9a). Como reação a este fato, os judeus decidem matar Jesus (v. 18). O final da períclope retoma assim o tema inicial, visto porém numa nova ótica.

O narrador apresenta dois motivos para a reação dos judeus:

a) "não só" (*ou monon*). Jesus era extremamente livre em relação ao sábado. A raiz desta liberdade era de caráter teológico. Jesus agia como Deus age sem fazer segredo disto. Ele o revelara claramente (v. 17). Os judeus não elucubravam, pois tinham ouvido de seus próprios lábios.

b) "mas também" (*alla kai*). Uma outra pretensão de Jesus soava aos ouvidos dos fariseus em tom de blasfêmia. "Dizia (ser) Deus (seu) próprio pai, fazendo-se a si mesmo igual a Deus". Por outro lado, Jesus dizia "meu pai" (*ho patēr mou*) (v. 17) e não "nosso pai", frisando assim sua especial relação com Deus. Isto não podia coadunar-se com o monoteísmo estrito dos judeus. A história do monoteísmo judaico jamais registra o fato de alguém pretender fazer-se igual a Javé.

24 Os judeus vão jurar Jesus de morte ainda outras vezes. Jesus, porém, só morrerá quando "chegar sua hora" (cf. 13,1; 17,1). Festa e morte são dois elementos que voltam por ocasião da paixão de Jesus.

O verbo fazer (*poieō*) aparece, de novo, nesta segunda motivação. Ele aparecera, pelo menos duas vezes, na boca do homem miraculado, falando a respeito de Jesus, uma em forma direta (v. 11), outra em forma indireta (v. 15), na expressão "aquele que me fez sadio". Jesus aparece assim definido como aquele que faz (*ho poiēsas*). Ele mesmo vai se definir nesta mesma linha, v. 17, como aquele que trabalha. Jesus faz e, em fazendo, ele se faz semelhante a Deus.

A frase final da perícopa — "fazendo-se a si mesmo igual a Deus" — oferece-nos, de certo modo, a chave de leitura do conjunto. Ela expressa o sentido dado por Jesus à sua ação furtiva junto à piscina de Bezata. A afirmação do narrador serve também de motivo para os vv. 19-47, onde Jesus faz a apologia do seu agir.

O tempo verbal empregado no v. 18 também tem sua importância. O imperfeito do indicativo mostra como esta maneira de agir era uma constante na prática de Jesus²⁵. O narrador poderia ter-se servido do aoristo para se referir à ação de Jesus — "ele violou o sábado" — "ele disse (ser) Deus (seu) próprio pai". Temos aí um indicador da consciência de Jesus na sua prática e no seu ensinamento.

5. O esquema da perícopa

Tendo feito uma leitura da perícopa como um todo, já nos é possível esboçar seu esquema.

vv. 1-5 — introdução

- A. vv. 6-9 — Jesus e o homem doente (1º encontro)
- B. vv. 10-13 — Os judeus e o homem curado (1º encontro)
- A'. v. 14 — Jesus e o homem curado (2º encontro)
- B'. vv. 15-16 — O homem curado e os judeus (2º encontro)
- C. v. 17 — Jesus e os judeus

v. 18 — conclusão

Numa segunda leitura do conjunto, vamos explicitar alguns elementos narrativos não observados na primeira leitura, levando em conta o esquema acima.

A) A *introdução e a conclusão* comportam elementos de inclusão tais como: a referência aos judeus e a Jesus. Jesus é referido, no v. 18, com o pronome pessoal acusativo *auton*. O tema da doença, no v. 3,

25 "Parece que Jesus se habituara (*epoiei*, imperfeito) a transgredir ostensivamente o sábado: os sinóticos o afirmam tanto quando João" (H. van den BUSSCHE, *op. cit.*, p. 223).

corresponde ao tema da morte, no v. 18. O clima de festa (*heortē*), no v. 1, contrapõe-se ao clima de morte, no v. 18. Jesus sobe para a festa (v. 1) e acaba prometido de morte (v. 18).

B) *Os encontros de Jesus com o homem*

No 1º encontro, Jesus vê (*idōn*) o homem deitado. No 2º encontro, Jesus acha-o (*heuriskei auton*). A iniciativa, em ambos os casos, parte de Jesus. O homem é visto e encontrado. Dele não parte nenhum movimento em direção a Jesus. No 1º encontro, Jesus sabe (*gignoskō*) quem é o homem e a longevidade de sua doença. O homem, tanto no 1º quanto no 2º encontro, não sabe quem é Jesus e de que é capaz. Esta espécie de ingênua inconsciência perpassa o relato.

No 1º encontro, Jesus dirige-se ao homem doente com a pergunta — “queres tornar-te são?” (*theleis hygiēs genesthāi;*) (v. 6). No 2º encontro, temos, da parte de Jesus, uma constatação de fato — “vês que te tornastes são” (*ide hygiēs gegonas*) (v. 14) — e uma advertência em vista da possibilidade de ser reduzido a uma condição pior — “para que não te aconteça algo pior” (*hina mē cheiron soi ti genētai*). As três ocorrências do verbo tornar-se (*gignomai*), formando uma espécie de inclusão nos vv. 6-9 e 14, indicam tratar-se em ambos os encontros, de questão de estado. Está em jogo a situação (estado) de um homem que, no 1º encontro é chamado de doente (*ho asthenon*) e, no 2º encontro, é dito ter-se tornado sadio (*hygiēs*), mas com a possibilidade de perder esta condição.

O verbo ver (*eidon*) aparece também no v. 14 na forma imperativa — “vê...” (*ide*). Quem tinha sido visto por Jesus na sua qualidade de doente é agora instado a ver sua própria qualidade de homem sadio. Vendo-se a si mesmo, o homem é convidado a comparar suas duas situações, a anterior e a atual, e assim dar-se conta do caminho percorrido de modo tão espetacular e cuidar para não ser reduzido a um estado pior.

C) *Os encontros do homem curado com os judeus*

Foram dois também os encontros entre os judeus e o homem miraculado. A situação (estado) do homem curado passa para segundo plano, vindo à tona a questão do sábado. Esta temática dá unidade aos dois encontros, embora já tenha sido introduzida pelo narrador no v. 9c.

No 1º encontro, temos:

a. repreensão dos judeus dirigida ao homem curado por fazer, em dia de *sábado*, coisas ilícitas (v. 10);

b. justificativa do homem apelando para a ordem recebida anteriormente (v. 11);

c. inquirição dos judeus sobre a identidade do mandante (v. 12);

d. intervenção do narrador para explicar a ignorância do homem

a este respeito (v. 13).

No 2º encontro, temos:

a. comunicação aos judeus da identidade de Jesus (v. 15);

b. ação persecutória dos judeus contra Jesus por fazer, em dia de *sábado*, coisas ilícitas (v. 16).

As expressões "é sábado" (v. 10) e "em dia de sábado (v. 16) formam uma espécie de inclusão dos dois diálogos.

A grandiosidade espetacular da cura de um homem, doente há 38 anos perde totalmente sua importância, quando os judeus entram em ação, e com seu legalismo, passam a determinar o que é permitido e o que é proibido em dia de sábado.

D) *O encontro Jesus-judeus*

Como dissemos, a perícopé parece dirigir-se para este ponto. A pergunta do v. 12 criara uma certa expectativa. Haveria o homem de saber quem o curara? A identidade de Jesus seria revelada aos judeus? A expectativa se desfaz quando somos informados da ignorância do homem curado a respeito da identidade de seu benfeitor. A expectativa reaparece quando o homem se dirige aos judeus. Este encontro toma o leitor de surpresa, por ser inesperado. Qual será a reação dos judeus? O narrador a explicita (v. 16) e ao leitor só resta aguardar o confronto de Jesus com seus opositores.

Chegando ao ponto visado, o leitor esperaria um longo e tenso diálogo entre Jesus e seus perseguidores. Isto porém não acontece. Ao contrário, introduz-se laconicamente uma resposta de Jesus, sem que saibamos os termos exatos da acusação levantada contra ele. Tudo isto pressupõe-se ser do conhecimento do leitor tendo em vista quando fora dito nos versículos anteriores. Narrativamente, a passagem do v. 16 ao v. 17 é capenga.

A resposta de Jesus introduz um personagem mantido, até então, no anonimato: o *Pai*. Sabemos agora, explicitamente, ser o Pai o motor da ação de Jesus. A perseguição dos judeus (v. 16) assume assim uma dimensão nova. Eles se colocam em luta contra o próprio Deus.

E) *O papel do narrador*

O narrador intervém na perícopé, com maestria, não só emoldurando-a com a introdução e a conclusão e estabelecendo as transições dos diálogos, mas também intervindo, oportunamente, ao longo da narração.

No v. 6, ele nos dá informações sobre o conhecimento de Jesus a respeito do homem, embora o estivesse vendo pela primeira vez.

No v. 9a, o narrador observa a imediatez da cura — *eutheōs* (ime-

diatamente) — sem se tornar necessário ulteriores ações de Jesus ou do homem.

No v. 9b, o narrador nota a execução pura e simples da ordem dada. O leitor esperaria do homem palavras de agradecimento e reconhecimento ou então gestos comovidos de quem fora agraciado por uma cura espetacular. Nada disso acontece. Da parte de Jesus, não se observa exigência de agradecimento, nem de reconhecimento. A nota do narrador é bastante parca.

A nota de caráter cronológico (v. 9c) pode parecer supérflua. Todavia, ela é importante e está situada, estrategicamente, no centro do relato. A perícopé toma aqui um novo fôlego, desencadeando as ações seguintes. O v. 9c funciona, pois, como um divisor de águas, transformando a perícopé numa espécie de díptico.

Antecipando-se ao homem curado e dando resposta à pergunta do judeus, o narrador trai uma espécie de pressa no v. 13., e dá a impressão de querer simplificar tudo para chegar, o mais rápido possível, à segunda parte do capítulo, onde Jesus toma a palavra para se justificar. Ou então, interessado pela afirmação do v. 17, posta na boca de Jesus, teria simplificado as cenas anteriores. Por outro lado, o motivo dado para a ingnorância do homem miraculado, a respeito da identidade do seu benfeitor, não convence. O homem beneficiado poderia ter corrido ao enalço de Jesus. O benefício recebido era de tal monta que justificaria qualquer ação para conhecer a identidade do benfeitor.

O narrador refere-se, de vários modos, ao indivíduo objeto da ação taumatúrgica de Jesus. Ele o chama de "um certo homem" (*tis anthopos* — v. 6), "o homem" (*ho anthropos* — v. 9.15), "o doente" (*ho asthenōn* — v. 7), "o curado" (*ho tetherapeuemenos* — v. 10 e *ho iatheis* — v. 13).

No contexto do v. 14, encontro no templo, a palavra poderia ter sido dada também ao homem curado para expressar-se em relação ao benefício recebido. A palavra é dada apenas a Jesus (v. 14b), apesar de nada, no contexto, sugerir pressa por parte de Jesus ou a intenção de ter apenas um contato fugaz. Esta foi a última chance de o homem curado agradecer a Jesus.

Nos vv. 15-16, o narrador não oferece ao leitor nenhuma indicação que permite julgar a atitude do homem curado, ao revelar aos judeus a identidade de Jesus. Aparentemente, não parece existir má-fé. Afinal, como agir de má-fé com alguém de quem se recebera tamanho benefício? Como o homem desconhecia a identidade de Jesus, possivelmente também desconhecesse a rixa existente entre ele e os judeus (v. 18). O narrador se serve desta ingnorância para preparar o encontro de Jesus com seus inimigos figadais. E o homem passa ao longo do relato sem se dar conta do que está acontecendo. Talvez esta sua atitude apa-

lermada explique porque havia esperado tanto tempo, ao lado da piscina, sem conseguir seu intento de cura.

Nos vv. 16b, 18, surpreende-nos o fato de os judeus não tomarem a palavra. O narrador, tão minucioso e extenso na introdução, parece apressado nos momentos importantes, simplificando e suprimindo diálogos de interesse dos leitores.

6. Três articulações de sentido

Vamos agora amarrar alguns temas já abordados ao longo de nossa leitura da perícopes.

A) *Quem pode "fazer" em dia de sábado?*

O problema, em torno do qual gira a perícopes, é o da observância da lei sabática. O termo *sabbaton* aparece no v. 9c, uma afirmação fundamental, nos vv. 10b, 16b e 18b. Os judeus não aceitam que Jesus faça "estas coisas em dia de sábado" (v. 16b). Jesus, por sua vez, prescinde da restrição dos judeus apelando para uma instância teológica dificilmente aceitável por seus opositores.

O impasse é insolúvel. A posição dos judeus respalda-se na tradição legal do povo, cuja origem, em última análise, remontava ao próprio Deus. Cessar toda atividade em dia de sábado correspondia, pois, ao desígnio do próprio Deus. Adequar-se a isto significava submeter-se à vontade divina. A ação dos judeus tinha assim um caráter estritamente teológico. Daí seu rigor e intransigência.

Jesus, porém, diante desta tradição, age com insólita liberdade, a partir do princípio: "Meu Pai até agora trabalha e eu trabalho", colocando-se em pé de igualdade com o autor da lei, pondo-se assim fora do âmbito de controle dos judeus. Como os judeus não podem controlar o Pai, cuja ação é exercida mesmo em dia de sábado, assim também eles não têm o direito de controlar a ação de Jesus. A pretensão de Jesus cria um impasse para o esquema teológico dos judeus. Seu monoteísmo estrito não podia comportar uma ruptura de tal monta. A postura de Jesus era, pois, insuportável.

A ação de Jesus tem também um quê de subversiva. Ele não se restringe a fazer, em dia de sábado, coisas proibidas, mas leva outros a fazê-lo igualmente, instaurando assim um clima de insubmissão à lei religiosa. A ordem escandalosa (v. 8b) vai ecoando de boca em boca como a frisar, de maneira patética, a gravidade do fato. Na mente do judeus, o próprio Deus estava sendo ultrajado e a religião correndo perigo. O que seria da religião se se difundisse tal liberdade diante da lei? Está, pois, explicado o zelo dos judeus em coibir a ação de Jesus e por-lhe um freio.

Ao homem curado não interessava a preocupação dos judeus. Ele não vê problema nenhum em fazer, em dia de sábado, o que não é per-

mitido. Seu único interesse era ficar curado, por isso não se preocupa em checar a consonância entre a ordem recebida e sua factibilidade em dia de sábado. Ele vai falar de Jesus como "aquele que faz" (*ho poiēsas*) e, na onda do fazer de Jesus, ele também vai fazer.

Os judeus encontram um caminho de solução do impasse na decisão de matar Jesus (v. 18). Eliminando-o, eles eliminariam um concorrente de Deus, o único que pode fazer, em dia de sábado o que quer que seja.

Este jogo de posições contrastantes em relação a quem pode "fazer" em dia de sábado, pode ser assim esquematizado:

— *na perspectiva dos judeus:*

positivamente: Só Deus *pode fazer*

negativamente: Jesus *não pode fazer*

não pode mandar fazer

o homem curado *não pode fazer*

— *na perspectiva de Jesus:*

positivamente: o Pai *faz*

Jesus *pode fazer*

pode mandar fazer

o homem curado *pode fazer*

A postura de Jesus põe em xeque e relativiza o caráter absoluto dado pelos judeus à lei referente ao sábado.

B) *Quem dá a vida e quem dá a morte?*

Vida-morte é outro importante eixo de sentido da perícopa.

A perícopa se abre sob o signo da doença. O narrador nos transporta até os pórticos da piscina de Bezata onde se concentra uma multidão de doentes. Ele chega até mesmo a caracterizar vários tipos de doentes — cegos, coxos, aleijados. Mas nem tudo aí é morte. Cada doente nutria no coração a esperança de recobrar a vida. O contato com a água em movimento era penhor de recuperação instantânea para o primeiro que nela tocasse. Entre os doentes havia seguramente uma verdadeira porfia nesta corrida para a vida.

A presença vivificadora de Jesus desponta neste cenário de maneira quase despercebida. Alhures, nos evangelhos, vemos Jesus rodeado de doentes em busca de cura, vemos multidões trazendo seus doentes para serem curados, vemos Jesus curando multidões de enfermos. Jesus-vida transita aqui no meio da multidão abatida pela doença-morte. Seu poder vivificador será exercido com comedimento e discrição. E a vida jorra não das águas da piscina postas em movimento, mas da palavra eficaz de Jesus; em última análise, de sua pessoa. É a vida jorrando

de sua fonte verdadeira, o ser de Jesus identificado com o ser do Pai (v. 17).

O pobre homem prostrado no seu leito de doente experimenta a ação vivificante desta nova fonte, Jesus. E recobra, para além da vida física, sua vida social e religiosa. Superada a marginalização em que vivia, abre-se para ele uma nova perspectiva de vida.

Todavia, este cenário de vida é obnubilado pela perspectiva de morte despontada no horizonte de Jesus. Os judeus decidem matar quem dera a vida (v. 18), eliminando a vida no seu próprio nascedouro. Quem dera a vida corre agora o risco de morte, pelo fato mesmo de ter dado a vida.

É clara a articulação deste eixo na perícope estudada:

<i>início</i>	<i>meio</i>	<i>fim</i>
doença-morte	saúde-vida	morte
v. 3	v. 9	v. 18

Dá-se, porém, uma inversão de papéis. Quem começa marcado pela morte (o homem doente) e pela marginalização, acaba cheio de vida e participação. Quem se apresenta como senhor da vida (Jesus), vai acabar perseguido e fadado à morte. A sorte de Jesus e a sorte do homem doente são invertidas.

C) *Quem participa e quem não participa da festa?*

A trama da perícope se desenrola em clima de festa. Aqui nos interessa ver a questão da participação dos personagens principais.

Jesus subiu (v. 1) a Jerusalém exclusivamente para participar da festa. Jesus, sem dúvida, já participara de outras festas e conhecia o clima de euforia que tomava conta da cidade naquelas ocasiões. O grande número de peregrinos, o vai-e-vem de pessoas no templo, as imponentes liturgias... tudo isto enchia os olhos dos fiéis contagiados pelo ambiente.

Jesus vem sozinho para a festa, como peregrino anônimo, perdido no meio da multidão (v. 13) e livre do assédio das pessoas.

Chegando à cidade, Jesus passa por onde estão os excluídos da festa. Talvez a multidão de doentes fosse objeto da curiosidade e piedade dos peregrinos. Não é o caso de Jesus. Ele não só quer participar da festa, mas quer que outros também participem, de modo especial, os impedidos de fazê-lo. Ele não cura a todos. Basta um. Seguramente o mais marginalizado, cuja cura instantânea não fora suficiente para causar nenhuma celeuma. Ninguém se dá conta do ocorrido, só o próprio beneficiado. Não importa.

Todavia, ao anunciar aos judeus a identidade de Jesus, o homem beneficiado acaba por estragar-lhe a festa. Jesus é perseguido (v. 16) e tem que se defender diante dos judeus (vv. 19-47). A festa perdeu a graça para ele. Sua vida corre perigo.

O homem doente, num primeiro momento, está entre os excluídos. Ele é um anônimo perdido entre a multidão de doentes à espera de cura, sem poder alcançá-la. A resposta dada à pergunta de Jesus (vv. 6-7) é a lamentação de um homem fadado à exclusão, Jesus aparece como "o homem" que lhe faltava (v. 7). Restituída a saúde, ele pode agora festejar.

Num segundo momento, encontramos o homem, agora curado, no templo (v. 14). Ele não foi para casa, mas para o templo onde se mistura à multidão em festa. Aí absorvo na sua alegria de homem recuperado para a festa, Jesus vai encontrá-lo. E no calor da festa, conhece a identidade de seu benfeitor.

Tendo estragado a festa de Jesus (v. 15), ele volta para sua festa (dos judeus) e assim desaparece do relato.

Os judeus são os donos da festa e se julgam no direito de exercer o controle dos fatos. Tudo deve transcorrer segundo os ditames da lei, sem exceção. Nem mesmo o fato de uma cura espetacular. Esta visão estreita leva-os a não se alegrar pelo fato de mais alguém poder participar da festa, numa postura diametralmente oposta à de Jesus. O homem curado não parece abalar-se com a restrição dos judeus. Para Jesus, porém, a festa vai acabar-se.

Todavia, a partir do v. 17 ficamos sabendo que a festa não era dos judeus, mas do "Pai". E o critério de participação do Pai é diferente do critério dos judeus. O Pai deseja a participação de todos, mesmo em detrimento da lei do repouso sabático. Com esta contraposição de fundo, a afirmação do v. 1 — "era festa dos judeus" — fica superada. Eles não são os donos da festa. Jesus vai desmascarar-lhes a usurpação (vv. 19-47).

Jaldemir Vitorio S.J. é bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da PUC/RJ. Licenciado em ciências bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de exegese na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG.

Endereço: Caixa postal 5047 – 31611 Belo Horizonte - MG